

Sufismo, a unidade na multiplicidade

A mística islâmica humaniza Deus e diviniza o homem. O mundo é concebido como uma rede de relações analógicas e móveis que se repete a cada plano de realidade. Entre o mundo visível e o invisível, nasce a poesia, a música e os padrões geométricos

POR SYLVIA LEITE

O sufismo, também conhecido como mística islâmica – em árabe, *tasawwuf* –, tornou-se conhecido no Brasil, nos últimos anos, basicamente por dois motivos: a apresentação dos dervixes em festivais internacionais de arte tradicional promovidos pelo Sesc e a publicação de poemas de Jalaluddin Rumi, pelas editoras Fissus e Attar, depois levados ao teatro por artistas como Walderez de Barros, no espetáculo *Tu e Eu*.

Embora tanto o giro dos dervixes como os poemas contenham em sua essência a mensagem central do sufismo – a unidade na multiplicidade – o contato superficial com um ou com outro talvez não seja suficiente para que se perceba um dos traços fundamentais da mística islâmica, que se traduz pela plasticidade, entendida como possibilidade de mudança de acordo com as circunstâncias.

O fenômeno está diretamente relacionado a duas questões estruturais: o reconhecimento de uma instância intermediária entre os mundos visível e invi-

sível e a concepção do mundo como uma rede de relações analógicas e móveis que se repete a cada plano de realidade.

A compreensão desses conceitos exige uma longa reflexão que passa, necessariamente, pelo conhecimento da cosmogonia e da cosmologia sufis, ou seja, a forma pela qual esses pensadores místicos acreditam que o mundo foi criado e como ele se organiza. As duas visões estão resumidas no dito do profeta Muhammad segundo o qual Deus teria revelado: “Eu era um tesouro oculto, quis ser conhecido e criei o mundo”. Podem ser desmembradas na seguinte cronologia.

Quando Deus cria o mundo, se estabelece a dualidade primordial, ou seja Um, que é o próprio Deus, e o outro, representado por tudo o que não é Deus. Essa dualidade ontológica vai refletir-se em todos os planos de existência na forma de opostos complementares, como a inspiração e a expiração, o masculino e o feminino, os lados direito e esquerdo do cérebro.

A observação conjunta do que é Deus e do que não é Deus nos leva a um novo patamar no qual passamos a enxergar três realidades: o Um, o outro e o conjunto ou fruto dos dois. Essa nova condição, formada por três situações distintas, é simbolizada pelo número três e corresponde ao início da multiplicidade ou mundo manifesto. Desse momento em diante, a criação torna-se cada vez mais diversa, mais complexa e mais densa. A esse processo dá-se o nome de descenso ou revelação. O caminho de volta ou a iluminação seria a simplificação dessa complexidade, o processo de utilização rumo à integração dos opostos e sua conseqüente dissolução na Unidade.

É interessante notar que a passagem entre a Unidade e a multiplicidade, no processo de descida, e entre a multiplicidade e a Unidade, na subida ou retorno, são sempre intermediados pela condição dual. No sufismo, a dualidade está diretamente relacionada a uma instância compreendida entre o mundo espiritual e o mundo físico, ou





UMIT BEKTAS/REUTERS

Dervixes durante uma cerimônia do aniversário de morte do poeta sufi Rumi

entre Deus e o Cosmos, que recebe o nome istmo, em árabe *barzakh*, e funciona simultaneamente como barreira e ponte entre os dois mundos.

Na religião, ou exoterismo, o *barzakh* é definido apenas como o lugar para onde vão os espíritos depois da morte e antes de se reintegrarem à Unidade – algo semelhante ao purgatório cristão. No esoterismo, ou via mística, no entanto, esse conceito é ampliado e adquire a qualidade de palco onde a realidade primordial se traduz em códigos compreensíveis para a humanidade. É, portanto, nessa instância, de acordo com o pensamento sufi, que nascem os símbolos e a linguagem, incluindo-se nessas chaves a música, a poesia e os padrões geométricos.

Como ocorre em qualquer área de fronteira, o *barzakh* contém qualidades dos dois mundos que intermedia, o que o torna, por natureza, ambíguo. Ele constitui a possibilidade última de conciliação entre realidades aparentemente irreconciliáveis e, portanto, inaugura a flexibilidade que, como já

foi dito, é o traço principal da mística.

É esse mundo que garante movimento à hierarquia ontológica, pois ao congregar características dos dois mundos vizinhos e ser palco de transformações de uma realidade em outra, ela humaniza Deus e diviniza o homem. Quando reconhece a sua existência, o ser humano adquire equilíbrio, pois se coloca, simultaneamente, em contato com as naturezas espiritual e física das quais ele próprio também é composto.

Talvez tenha sido a falta de reconhecimento dessa instância o que tornou a realidade atual tão desintegrada. Um mundo em que dois grandes e heterogêneos grupos de pensamento – formados por representantes da ciência e da religião modernas – estranham-se e criticam-se mutuamente sem perceber que se encontram exatamente no mesmo lugar, ou seja, em uma condição de separação total entre o visível e o invisível, que não contempla qualquer forma de integração.

Ironicamente, ao colocar Deus em uma redoma inalcançável e em uma

condição de transcendência absoluta sem lhe atribuir qualquer possibilidade de estar próximo, ser semelhante ou ter imanência, as religiões fazem o mesmo que a ciência moderna, que simplesmente nega o divino, afirmando apenas o mundo físico e colocando-se, portanto, do outro lado desse extremismo.

Ambos, por motivações opostas, excluem Deus da imanência e do âmbito de conhecimento do homem. Da mesma forma, ignoram a instância intermediária, eliminando, com isso, toda possibilidade de diálogo entre os mundos. Para o sufismo, ao contrário, a ligação entre os mundos e a ambigüidade estabelecida pelo patamar intermediário estão contidas em sua própria concepção de divino, segundo a qual Deus pode ser apreendido em dois aspectos. O da incomparabilidade, quando é o mesmo para todos, e encontra-se na condição de Unidade absoluta; e o da similaridade, quando é um para cada crente e está contido, em maior ou menor dimensão, em todas as coisas ou seres.

Existe a plasticidade que é própria do sufismo: a de enxergar cada coisa ou situação a partir de diferentes pontos de vista



Poema de al-Jazuli, da tradição mística sufi

Na situação de incomparabilidade, Deus encontra-se separado de sua criação, do mesmo modo que nos pensamentos científico e religioso. Na similaridade, no entanto, se estabelece a ligação entre um mundo e outro e toda a criação torna-se dual, transformando-se em *barzakh*, tanto pelo fato de ser passagem entre a origem e o destino final, como por conter, ao mesmo tempo, aspectos do mundo físico e do mundo espiritual.

Uma vez compreendida a importância da dualidade e, portanto, da instância intermediária entre o visível e o invisível como canal de relacionamento entre o céu e a terra, entre o físico e o espiritual, podemos avançar para o entendimento sufi sobre a estrutura do cosmos, que se assemelha a um tapete no qual a urdidura é fixa e a trama, móvel.

À urdidura correspondem os protótipos imutáveis, ou nomes divinos, definidos como qualidades que dão origem a tudo o que existe. Esses nomes são sintetizados em 99 qualidades atribuídas a Deus, como o Misericordioso, o Que Tudo Vê, a Luz ou o Criador da Morte, que possuem correspondentes análogos no mundo criado. À trama, ou melhor, às inúmeras tramas, correspondem todas

as situações do mundo físico, que são, na verdade, combinações dos reflexos desses atributos na instância manifesta.

O arranjo se assemelha a um jogo de xadrez cuja estrutura é definida pelo tabuleiro e pelas peças, ambos fixos, mas cujo aspecto aparente é constantemente modificado pelos diferentes conjuntos de relações que caracterizam cada jogada. Como modelo que é, o arranjo protótipos imutáveis x situações do mundo físico se repete em todos os níveis de realidade. A diferença entre o modelo ontológico e seus reflexos é que, no mundo da imanência, a urdidura também é mutável.

Assim, o tabuleiro quadriculado, as rainhas, os reis, os cavalos, os bispos, as torres e os peões são estruturais para as jogadas do xadrez, mas teremos outro tipo de peças e de tabuleiro se as jogadas forem de gamão. Do mesmo modo, o conjunto tabuleiro e peças perde a condição de urdidura quando passamos ao universo dos idiomas, no qual a estrutura é dada pelas letras ou quando chegamos ao nível das moléculas físicas para as quais a função de urdidura é desempenhada pelos elementos químicos.

As relações internas entre as urdidu-

ras e as tramas e as externas entre os diversos arranjos dessa natureza são todos, de algum modo, reflexos da Unidade primordial, uma vez que equilibram e harmonizam as diferenças. Na arte islâmica, essas relações são representadas por meio de simetrias e proporções que estão presentes na música, na caligrafia, na arquitetura e nas artes decorativas. O fenômeno ocorre também na língua árabe, que possui uma estrutura gramatical geométrica, e até mesmo no *Alcorão*, que, segundo o mestre sufi Ibn 'Arabi, do século XIII, tem uma estrutura matematicamente calculada.

A harmonia obtida por meio dessas relações é definida por alguns mestres como o caminho do amor. Isso fica claro em um dos poemas do próprio Ibn 'Arabi:

“Meu coração é capaz de todas as formas: claustro para o monge, templo para ídolos, pasto para gazelas, Caaba para o devoto, as tábuas da Torá, o Corão. O Amor é o credo que sustento: para onde quer que se voltem os seus camelos, O Amor é ainda meu credo e minha fé”

Em decorrência dessa natureza móvel, e, portanto, evolutiva do sufismo, suas ordens não possuem estruturas rígidas, hierarquias externas ou caráter de permanência. As regras e formas de rituais são variáveis a depender do tempo, lugar e pessoa, e, em cada situação ou contexto, tomam a forma mais adequada à concretização do objetivo do trabalho, que é a iluminação por meio do auto-conhecimento.

Como conta o orientalista Idries Shah, “Rumi organizou suas danças – em harmonia com a mentalidade e o temperamento dos habitantes de Kônia. Imitadores tentaram exportar o sistema para fora dessa área cultural, mas disso resultou que eles só ficaram com o equivalente a uma pantomima e o efeito ori-

ginal dos movimentos desapareceu.”

Ainda de acordo com Idries Shah, o objetivo de uma ordem é “propiciar circunstâncias, em que o membro atinja a estabilização do seu ser interior, comparáveis ou idênticas às dos transmissores originais”, isto é, os mestres, fundadores ou não de escolas de ensinamento.

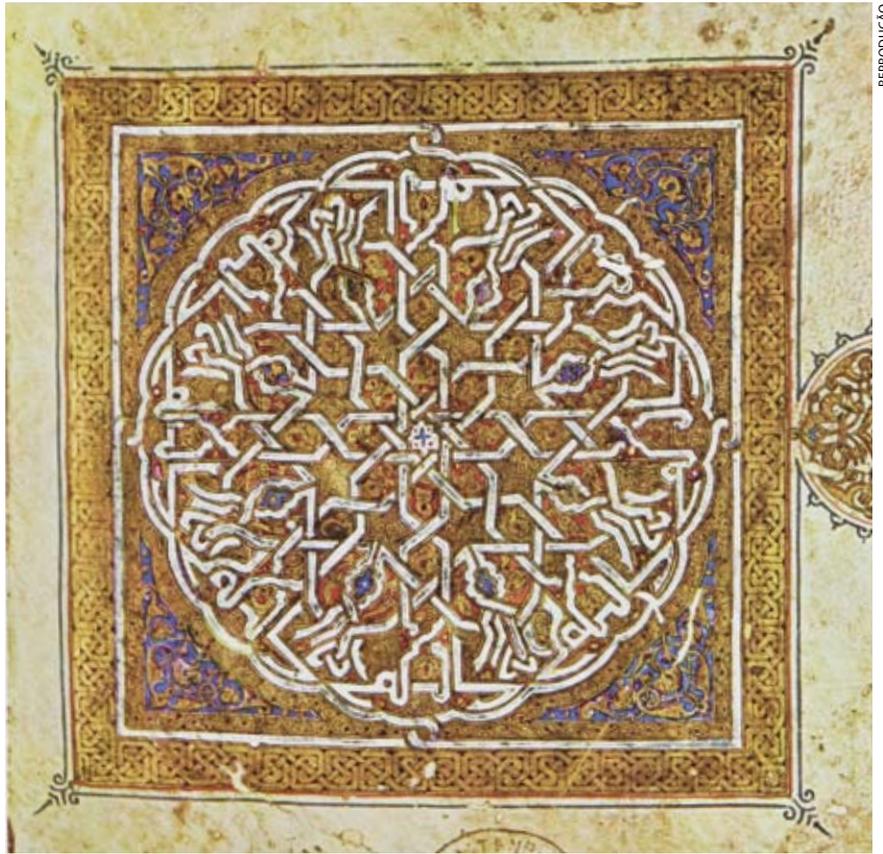
O primeiro passo para a realização do trabalho é a quebra do condicionamento; o segundo é a ativação, por meio de exercícios meditativos, das sutilezas ou *latá'if* (singular: *latifa*) que são os canais de percepção espiritual.

A raiz árabe das palavras *latá'if* e *latifa* é composta pelas letras *LTF*, que abarca significados ao mesmo tempo diversos e interligados, como é o caso de sutileza, dádiva, favor, delicadeza e bondade. Sutileza costuma ser o mais usado entre os comentaristas do sufismo já que a percepção procedida pelas *latá'if* está além do mundo físico.

Embora sejam centros sutis, as cinco *latá'if* têm localização física e possuem relação análoga com cinco cores. De acordo com Idries Shah, o coração (*qalb*) é amarelo e está no lugar do próprio coração; o espírito (*ruh*) é vermelho e fica do lado direito do peito; o segredo ou consciência (*sirr*) é branco e localiza-se no plexo solar; a intuição (*khafi*) é preta e fica na testa; a percepção profunda da consciência (*ikhfā*) é verde e está no centro do peito.

Mesmo depois de tudo o que foi dito acima, seguimos sem contemplar a totalidade do sufismo. Restam ainda importantes elementos a serem tratados, como *futuwwa*, ou cavalaria espiritual; *adab*, ou gentileza; *baraka*, ou bênção, além de inúmeras manifestações, ocorridas ao longo da história, como os trovadores e os bobos da corte espanhóis, que não caberiam na extensão de um artigo como este, e que deixo aqui como pistas para quem quiser pesquisar. Mas é impossível falar dos sufis sem se deter, ainda que rapidamente, em duas de suas principais ferramentas de ensinamento: os contos e o humor.

De acordo com a idéia de que o mundo é uma complexa rede de relações que se repetem a cada nível de realidade, e com a própria noção de *latifa* como cen-



REPRODUÇÃO

Padrão geométrico em capa do *Alcorão*

tro sutil de percepção, os sufis entendem que a compreensão humana também se estrutura em diversos níveis, alguns deles inalcançáveis pelo que nós, ocidentais, chamamos mente. As histórias sufis, que aparentemente não passam de ingênuos contos folclóricos, são preparadas para atingir todos esses níveis, atravessando quaisquer barreiras que o indivíduo possa apresentar em nível consciente.

Essa técnica é usada também nas anedotas ou sutilezas do mestre sufi Nasruddin, um personagem turco, não se sabe se histórico ou ficcional, que se dedica a transmitir ensinamentos assumindo um caráter ora de idiota, ora de sábio, e usando como passaporte o humor:

Todos os dias o Mullah Nasruddin ia esmolar na feira, e as pessoas adoravam vê-lo fazendo o papel de tolo: mostravam-lhe duas moedas, uma valendo dez vezes mais que a outra. Nasruddin sempre escolhia a menor. Até que apareceu um senhor generoso, que

chamando-o a um canto da praça, disse:

– Sempre que lhe oferecerem duas moedas, escolha a maior.

Nasruddin lhe respondeu:

– O senhor parece ter razão, mas se eu escolher a moeda maior as pessoas vão deixar de me oferecer dinheiro para provar que sou mais idiota que elas.

A exposição de um raciocínio não usual serve, segundo Shah, para a quebra do pensamento condicionado. Ao nos defrontarmos com uma idéia idiota ou absurda, estamos, segundo ele, interrompendo nosso pensamento lógico e seqüencial, produzido pelo lado esquerdo do cérebro, e criando, com isso, a condição apropriada a situações particulares do aprendizado iniciático ou à compreensão mais ampla de aspectos da própria vida.

Estamos também, a partir de outra perspectiva, exercendo a plasticidade que é própria da mística: a de enxergar cada coisa ou situação a partir de diferentes pontos de vista.